

Sufrimento real, sede de justiça e midiatização da tragédia

Nunca havia me acontecido isso: chorar ao ler uma notícia, a da tragédia em Santa Maria. Sofri. Meu sofrimento, claro, não foi nada semelhante ao dos pais, familiares e amigos das pessoas que morreram na catástrofe. A tragédia multiplicou-se por centenas de dramas que vinham à tona na medida em que corpos eram resgatados. A dor não desaparecerá por completo.

A tragédia revelou atos de coragem, desprendimento e solidariedade, mas certamente houve quem, por medo ou omissão, pensasse apenas em sua própria sobrevivência. Nas chamadas redes sociais, muito pesar e indignação, mas também infelizes manifestações de crueldade como pudemos ver em postagens no twitter.

Tragédias fazem aflorar o que há de melhor e pior nos seres humanos, mas isso não acontece apenas nas grandes tragédias. No cotidiano, principalmente nas cidades médias e grandes, a solidariedade e a cortesia caminham lado a lado com o desrespeito e a rudeza, não porque supostamente existam pessoas boas e más, mas porque a ambiguidade é própria do ser humano. Tanto as grandes como as pequenas tragédias cotidianas expõem as pessoas às suas vulnerabilidades e trazem à tona o sentimento de impotência. Frente a isso, a indignação exige justiça, e o primeiro movimento é buscar os culpados. Na lista, as autoridades responsáveis pela fiscalização e prevenção, os poderes públicos local e estadual, que procuram desonerar-se e, não menos importante, os empresários que não teriam cumprido as exigências de segurança.

Houve quem afirmasse que a responsabilidade seria de toda a sociedade, cheguei a ler postagens nas quais se responsabilizavam, inclusive, as próprias vítimas (algo similar aos casos em que as mulheres são culpadas por serem estupradas). Embora não tenha como concordar, importa compreender o significado de tais posições: a necessidade de objetivar um sentimento de indignação.

O clamor por justiça não se resume, contudo, apenas aos responsáveis pelo incêndio. Nota-se a percepção mais ou menos generalizada de que a tragédia revela aspectos estruturais da sociedade e, assim, a catástrofe torna-se síntese de muitas injustiças e irresponsabilidades. A tragédia catalisa o sentimento de impotência generalizado e tornado agudo pela tradição de impunidade.

Outro aspecto revelador acerca da sociedade e que, nesse caso, não diz respeito apenas ao Brasil, é o da midiatização da tragédia. Não me refiro ao jornalismo de caráter informativo sobre a ocorrência, mas a uma verdadeira espetacularização do sofrimento, sensacionalismo que hoje já não é mais um traço apenas das mídias tradicionais, mas também daquelas caracterizadas como interativas. As postagens de fotos de vítimas fatais no local do incêndio foi uma epidemia nas redes sociais, manifestações mórbidas que em nada ajudaram a aliviar as dores de parentes e amigos.

Nas outras mídias, o processo já é um velho conhecido: horas de cobertura televisiva, grandes espaços nos jornais. A tragédia midiatizada não é a tragédia real, concreta, aquela que impingiu perdas e sofrimento, mas o espetáculo virtual que, simultaneamente, alimenta e é alimentado por uma demanda complexa da cultura contemporânea pela novidade e pela quebra da rotina cotidiana.

A midiatização espetacular (e sensacionalista) joga com as emoções do público, mobiliza sentimentos difusos, explora a tragédia até que se decida a mudança paulatina de pauta. Os espaços nos jornais diminuem, diminui o tempo televisivo. Só não diminui o sofrimento real de quem enfrentou as perdas.

Rafael José dos Santos, Doutor em Ciências Sociais, professor no Centro de Ciências Humanas e nos programas de Pós-graduação em Turismo e em Letras, Cultura e Regionalidade



*Tragédias fazem
aflorar o que
há de melhor e
pior nos seres
humanos*